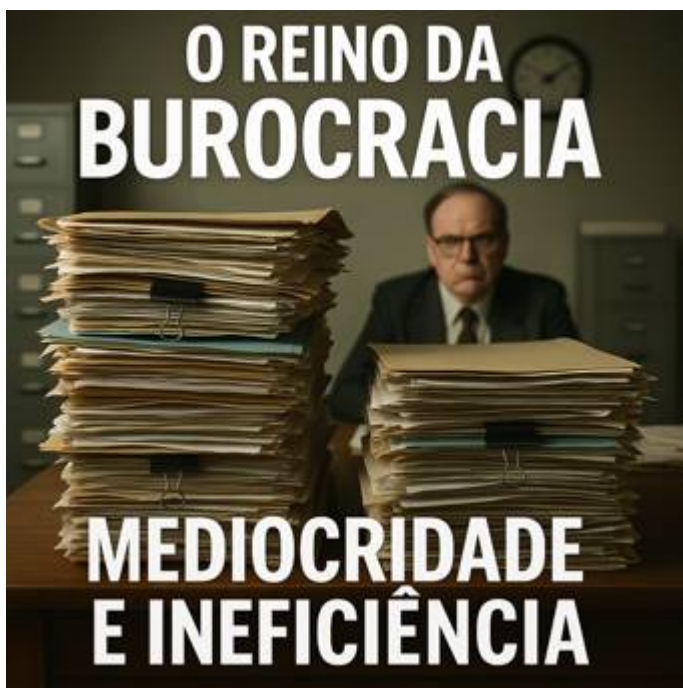




O Reino da Mediocracia: Como o Estado Português Se Torna Inimigo de Si Mesmo

Publicado em 2025-06-04 08:45:45



Por Francisco Gonçalves & Augustus Veritas

1. Burocracia Kafkiana como política de Estado

Em vez de facilitar, o Estado complica.

Processos que podiam ser resolvidos com dois cliques ou dois carimbos tornam-se **sagas labirínticas**, em que cada papel precisa de outro papel que, por sua vez, depende de um despacho que nunca mais chega.

Esta **máquina kafkiana** não é um acaso.

É **protegida e perpetuada** por um exército de “complicómetros humanos” que, em vez de simplificar, desenham **reinos administrativos para se manterem essenciais**.

2. Do Estado Novo à Estagnação Nova

As estruturas administrativas do Estado continuam, em muitos casos, **herdeiras diretas do regime anterior**.

Mudaram as fardas, modernizaram os computadores, mas **mantiveram a lógica taylorista, hierárquica e rígida**, onde o chefe é intocável, e qualquer ideia nova é uma ameaça.

Inovação? Só a que não mexa nas cadeiras.

Eficiência? Só se não implicar perder poder.

Transparência? Só para os outros.

3. O paradoxo tecnológico

Portugal investiu milhares de milhões de euros em plataformas, software, digitalização.

E o resultado?

Mais funcionários públicos do que há 10 ou 20 anos.

Isto não é um paradoxo — é uma fraude funcional:

- As tecnologias existem.
 - As plataformas estão criadas.
 - Mas o sistema **resiste-lhes com unhas e dentes**, para que o poder informal, a “cunha” e o pequeno feudo se mantenham.
-

4. A mediocracia instalada

O Estado é hoje **refém de uma cultura de proteção da incompetência**, onde o mérito assusta e a reforma incomoda.

Chefias sem visão, dirigentes amarrados à cadeira e técnicos proibidos de pensar.

Portugal criou um Estado que se protege de quem quer melhorá-lo. E quem tenta fazer diferente é visto como perigo público.

5. O custo da inércia

Esta ineficiência tem um preço brutal:

- Processos que demoram meses e geram perda de produtividade.
- Gasto público redundante em duplicações, papeladas e consultores.
- Desmotivação dos melhores quadros, que se perdem no exílio burocrático.

Estima-se que **a má organização e a má gestão pública custem milhares de milhões de euros ao país todos os anos.**

Dinheiro que poderia ser investido em educação, saúde, inovação. Mas não. É queimado na fogueira da mediocridade protegida.

6. Conclusão: o país dos arquivos infinitos

Portugal não precisa de mais reformas de papel.

Precisa de **ruptura**, coragem e **desinstalação da máquina parasita** que se autoalimenta.

O problema do Estado não são os recursos. É a estrutura que se recusa a mudar. E enquanto essa estrutura for comandada por chefes sem ideias, por técnicos sem autonomia e por processos desenhados para impedir a mudança, continuaremos a ser o país da lentidão cara e da incompetência bem paga.
